

**POR UMA AVALIAÇÃO DA
APRENDIZAGEM COMO ATO**

AMOROSO:

**50 anos da oficina
pedagógica de Cipriano**

Luckesi*

**FOR AN EVALUATION OF LEARNING AS
A LOVING ACT: 50 years of the
pedagogical workshop of Cipriano
Luckesi**

**POR UNA EVALUACIÓN DEL
APRENDIZAJE COMO ACTO AMOROSO:
50 años del taller pedagógico de
Cipriano Luckesi**

**Fagno da Silva Soares¹
Pricila Linhares Feitosa^{2,3}**

“O exame diz: você não sabe. Ele classifica e exclui. A avaliação diz: você ainda não sabe e aponta um caminho para a construção desse aprendizado. Ela diagnostica e inclui”.

Cipriano Luckesi.

*Esta entrevista contou com a inestimável contribuição dos graduandos e graduandas da 2ª turma de Licenciatura em Química do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia), no transcurso das disciplinas de Avaliação Educacional e Educação de Jovens e Adultos ministradas pelo professor Fagno da Silva Soares.

¹Doutor em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Doutorando em História Social pelo Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (IH/UFF). Pesquisador do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO/USP) e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História Educação (NIEPHE/USP). Líder do CLIO & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisas em História Oral e Memória (IFMA). Professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia). Rua Projetada s/n, Progresso, 65930-000 - Açailândia/MA - Brasil. E-mail: fagno@ifma.edu.br.

²Especialista em Docência pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), graduada em Pedagogia pela Faculdade Santo Agostinho (FSA) e graduanda em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia). <http://orcid.org/0000-0002-3849-0442>.

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia). E-mail: prilinhares.feitosa@gmail.com.

Entrevista realizada durante o X Encontro Técnico-Pedagógico IFMA/Campus Açailândia em 23 de janeiro de 2019, com o teórico da educação Cipriano Carlos Luckesi, professor aposentado da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Destacado teórico nos estudos em Avaliação da Aprendizagem Escolar há 5 décadas de reflexões seminais sobre o tema. Durante a entrevista, o teórico Cipriano Luckesi falou de sua trajetória profissional, e fez reflexões acerca da avaliação da aprendizagem como ato pedagógico, passando pela avaliação como ato amoroso, a distinção entre avaliar e examinar até o processo de consolidação dos estudos em Avaliação da Aprendizagem no Brasil. Por fim, tratou dos desafios da educação para o professor do século XXI, bem como, das trajetórias, experiências e perspectivas da Avaliação da Aprendizagem Escolar.

Recebido em: 01.06.2019. Aceito em: 09.09.2019. Publicado em:
01.10.2019.

Cipriano Luckesi, professor aposentado da Faculdade de Filosofia, da Universidade Federal da Bahia (UFBA 1971-2002), atuou no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA, 1985-2010), cuja produção intelectual no campo da Avaliação da Aprendizagem é substancial à Educação no Brasil. Seus estudos acerca de temáticas voltadas na relação à Filosofia da Educação, didática e ludicidade gravitando em torno teoria do ensino, com especial interesse em avaliação da aprendizagem escolar. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP, 1992), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 1976), Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL, 1970) e Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP, 1968). Sob sua orientação foram defendidas inúmeras dissertações e teses no Programa de Educação da UFBA. Publicou mais de 50 artigos científicos, cerca de 20 livros e realizou mais de 1200 conferências e palestras no Brasil. Atualmente é reconhecido como um dos mais importantes teóricos nos estudos em Avaliação Escolar no Brasil, mantendo uma agenda açodada de palestras em todo o país. Em sua profícua produção intelectual, publicou diversas obras dentre livros e coletâneas, os quais destacamos, a saber: *Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas (2018)*, *Sobre notas escolares: distorções e possibilidades (2014)*, *Fazer Universidade: uma proposta metodológica (2012)*, *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico (2011)*, *Série Estudos e Pesquisas: Prática docente e avaliação (1990)*, *Avaliação da aprendizagem escolar (1995)* para citar alguns.

FSS e PLF: Bom dia, caríssimo professor Luckesi. Agradecemos a disponibilidade e o modo tão solícito e gentil, que de pronto se dispôs para esta entrevista conosco, e, por conseguinte, registramos nossa satisfação em realizá-la. Tomaremos como mote inicial desta nossa interlocução, a sua trajetória pessoal para compreender a profissional, entendemos que para compreender a filósofo da educação Cipriano Luckesi, antes de tudo, devemos pensar sobre a pessoa e a trajetória de vida de Cipriano Carlos Luckesi. Assim, desejamos iniciar em sucintos relatos, ouvindo um pouco de sua história desde a infância, seu lugar social, bem como, as motivações que o levaram à escolha pela docência e sua

inserção no campo da Avaliação da Aprendizagem Escolar. Afinal, quem é Cipriano?

Cipriano Luckesi: Hoje, tenho 75 anos de idade. Nasci em Charqueada, interior do Estado de São Paulo. Minha família mudou-se para Sorocaba, outra cidade do interior, quando eu tinha sete anos de idade. Nessa cidade, fiz a Escola Primária, o Ginásio e o Colegial. Quanto ao Ensino Superior, fiz Filosofia e Teologia na cidade de São Paulo. Em 1970, fixei residência em Salvador/BA, onde fiz um Mestrado em Ciências Sociais, assim como tornei-me professor da Universidade Federal da Bahia, da qual, aposentei-me em 2002. Entre os anos de 1987 e 1992, fiz um Doutorado em Filosofia da Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Iniciei a estudar o tema da Avaliação em Educação, em 1968 e, dessa data até os dias de hoje, esse tema de estudo e de práticas tem estado presente em minha vida pessoal e profissional, seja como professor, como pesquisador, também como autor.

FSS e PLF: Professor Cipriano Luckesi, fale-nos um pouco das principais influências teóricas que teve durante a sua graduação em Filosofia. Quais correntes dominavam a cena acadêmica e como isso o afetou profissionalmente? E conte-nos como foi o mestrado e o doutorado, respectivamente na UFBA e PUC/SP, e seu ingresso na carreira universitária. Neste sentido, quais pensadores/as da educação exerce[ra]m importante papel na sua formação inicial e continuada como educador?

Cipriano Luckesi: Nos estudos de Filosofia, recebi influência da Escolástica, onde estavam sempre presentes estudos comprometidos com Aristóteles e Tomás de

Aquino, além de outros autores de menor renome histórico. Posteriormente, do ponto de vista filosófico, levei à frente estudos sobre a Filosofia Moderna e Contemporânea, assim como sobre o Materialismo Dialético e, do ponto de vista profissional, importa sinalizar que dei espaços suficientes a temas relativos à psicologia, à educação em geral, ao ensino, seja do ponto de vista histórico, sociológico, como metodológico. Nessa trajetória de formação, aprendi de múltiplas fontes, sempre buscando uma síntese nova de compreensão da vida e de seus meandros. Frente a isso, hoje, não tenho como afirmar que sou herdeiro direto desta ou daquela corrente teórica. O que posso afirmar é que, ao longo da vida, fui integrando estudos novos com os estudos que havia realizado anteriormente, produzindo novas sínteses. Não tenho, conscientemente, como me encaixar nesta ou naquela corrente ou escola de pensamento. Encaixo-me nas sínteses que fui produzindo no decurso da vida, herdando compreensões teóricas e práticas, como também reelaborando-as sob a forma de novas sínteses.

FSS e PLF: Desde o início de sua carreira, é nítido seu interesse pela avaliação da aprendizagem como podemos ver em sua tese de doutoramento *Avaliação da Aprendizagem Escolar: sendas percorridas*,⁴ defendida em 1992, cujo cerne da discussão gravita em torno da avaliação a partir de diversas concepções de aprendizagem desde a jesuítica, comeniana e herbartiana; passando pela escolanovista, como as montessoriana e deweyana; até as tecnopedagógicas, como tyleriana, blomiana e gronlundiana com foco no espelhamento destas na escola brasileira, forjando uma tradição escolar sistematizada ainda no século

⁴LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: sendas percorridas*. 1992. 560p. Tese [Doutorado em Filosofia da Educação]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

XVI. Nesse sentido, fale-nos um pouco das origens históricas do *modus operandi* da avaliação escolar no Brasil ainda tão fundado, como o senhor mesmo tem colocado, em suas obras como disciplinamento do educando.⁵

Cipriano Luckesi: Segundo Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e punir*,⁶ de 1975, o disciplinamento é uma característica da sociedade moderna, desde seu nascimento, nos séculos XV, XVI, XVII. O disciplinamento, segundo esse autor, reduziu o uso da força, como recurso de educação da população e, impôs a ordem, a partir, de fora do sujeito. Não podemos nos esquecer que a morte pelo enforcamento era um espetáculo público para todos verem e, conforme esse autor, para gerar o medo, que, por si, supostamente induziria a uma conduta correta, segundo os parâmetros sociais estabelecidos. Nesse contexto, a disciplina teria vindo para manter o controle social, sem o espetáculo do enforcamento. Por outro lado, Wilhelm Reich, médico psiquiatra alemão, no decurso da primeira metade do século XX, em especial no seu livro *Psicologia de massas do fascismo*,⁷ 1933, desenvolveu o entendimento de que a sociedade moderna desenvolveu mecanismos psicológicos pelos quais poderia controlar os

⁵Nos anos 80, propagou-se uma versão mais sociológica da avaliação, colocando em xeque seu caráter seletivo e classificatório, propondo a resignificação da função político-social da avaliação para a construção de uma prática avaliativa dialética-libertadora (Hoffmann, 1991, 1993, 2001 e 2008; Esteban, 2001; Werneck, 2001; Perrenoud, 2000 e 2001). Nos anos 90, Luckesi (1992, 1995 e 1996), Vasconcelos (1995, 1997 e 1998), Saul (1995) e Romão (1999), redimensionaram o processo avaliativo no viés construtivista, discutindo a natureza do erro sob olhar reflexivo.

⁶FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. Publicado originalmente *Surveiller et Punir: Naissance de la prison* em 1975, na França redefinindo de modo contundente as formas de pensar e fazer política social no mundo, ao analisar os processos de vigilância e punição nos sistemas penais, educativos e manicomiais da sociedade contemporânea, Foucault traz reflexões indeléveis modificando o olhar da sociedade ocidental para estes espaços de disciplinamento.

⁷REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Tradução de Maria da Graça Macedo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Trata-se de uma obra capital à compreensão do conceito ainda muito caro às sociedades contemporâneas – o fascismo.

desejos dos indivíduos, com variados instrumentos, entre eles, de modo especial, com a disciplina. Na escola, nos servimos de variados recursos de disciplinamento externo do educando, um disciplinamento imposto de fora seja pela ameaça do castigo ou pelo próprio castigo. A avaliação da aprendizagem - que, até o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, no Brasil, recebia a denominação de provas e exames - foi e continua sendo utilizada como recurso de disciplinamento externo dos estudantes. Ao longo do tempo, as provas escolares eram aplicadas mensal ou bimestralmente e os exames eram aplicados semestral e anualmente. Enquanto as provas abordavam conteúdos mais próximos do cotidiano escolar, os exames levavam em conta os conteúdos trabalhados em períodos escolares mais longos, como semestre e ano letivo. Hoje, o regime de periodização das práticas avaliativas escolares apresenta variadas nuances, que, por si, não cabe aqui abordá-las. O que importa para a questão do disciplinamento externo dos estudantes é o uso ameaçador que sempre se fez e continua-se a fazer das provas e exames, hoje, cotidianamente denominados de avaliação da aprendizagem. Quando estudantes estão dispersos, usualmente, ouvem o seguinte recado ou recado semelhante: *“Cuidado...! Vocês irão ver o que acontecerá nas provas. Estudem, a fim de evitar surpresas”*; ou: *“Vocês andam brincando. Estudem! As provas vêm por aí...!”*; ou: *“Estou preparando as questões para as provas, estudem...!”*; ou: *“Vocês estão brincando...! Irão ver as provas...!”* Essas e outras expressões são utilizadas como recursos de ameaça para os estudantes, a fim de que se, disciplinem para a dedicação aos estudos. O disciplinamento externo tem função e abrangência maior do que somente aprender o conteúdo das matérias escolares. O modelo social deseja o disciplinamento do sujeito e a ameaça de uma possível reprovação - situação incômoda para qualquer pessoa - serve de recurso para que o indivíduo se submeta, de imediato, aos estudos e, de forma mais ampla, às regras

sociais. Certamente que nem o professor, quando faz os discursos acima assinalados, nem o estudante, quando os ouve, atrela essa ameaça ao disciplinamento, contudo, buscando compreender a razão de tais condutas, facilmente chegamos ao disciplinamento, como um recurso de controle social, na sociedade moderna ocidental. Em minha tese de doutoramento, PUC/SP, 1992,⁸ trabalhei longamente sobre isso.

FSS e PLF: Como se sabe, o processo avaliativo tem sido motivo de fleumáticos debates entre teóricos e educadores em todo país. Durante séculos o processo avaliativo tem sido uma prática arraigada nos ditames tradicionalista, desassociada do processo de ensino-aprendizagem, fato este que tornou o ato de avaliar, um desafio da educação, quase sempre visto, como um gargalo a ser superado no processo educativo. Neste contexto, defendemos que faz-se necessário ressignificar o conceito e a prática da avaliação na tentativa de responder questionamentos do tipo: Avaliar para que? Como avaliar? Suscitando assim, outros questionamentos e possíveis respostas. Assim como o senhor, acreditamos numa prática avaliativa fundamentada na transformação, que solape os moldes tradicionalistas que visavam à simples mensuração estatística do ato de avaliar. Neste sentido, seus estudos foram seminais para essa concepção de uma avaliação como prática pedagógica.⁹ Relate-nos acerca dos porquês da avaliação.

⁸LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: sendas percorridas**. 1992. 560p. Tese [Doutorado em Filosofia da Educação]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

⁹A avaliação escolar aqui é compreendida como a articulação de um conjunto de ações intencionais e planejadas com base em informações, percepções, deduções e análises, visando a superação de uma situação-problema, configurando-se em ações planejadas com o objetivo de diagnosticar, incluir e transformar. Dessa forma, avaliar para promover o desenvolvimento da

Cipriano Luckesi: Iniciei a estudar e atuar no âmbito da fenomenologia da avaliação em educação, no ano de 1968. À semelhança de variados pesquisadores dessa área de conhecimentos, também, no passado, servi-me da classificação das pedagogias, historicamente constituídas, como tradicionais, escolanovistas, tecnicistas, histórico-críticas. Já assumi esse posicionamento, por exemplo, em minha tese de doutoramento, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.¹⁰ Hoje, prefiro, como propõe Mario Allighiero Manacorda,¹¹ tomar cada concepção pedagógica em sua constituição e, então, na medida do possível, retirar de cada uma as consequências saudáveis para todos. Nesse contexto, por exemplo, hoje, prefiro estudar e compreender da Pedagogia dos Jesuítas no seu documento pedagógico básico, denominado *Ratio Studiorum*,¹² datado de 1599, onde estão propostas duas modalidades de atividades, que, no presente momento, denominamos de avaliação da aprendizagem. Para o acompanhamento e reorientação constante do estudante no decurso do ano letivo, havia a proposição da *Pauta do Professor*, afinal, uma caderneta, na qual o professor deveria anotar a vida escolar cotidiana dos seus estudantes, a saber: sucessos,

capacidade de análise, síntese, senso de investigação, criticidade, articulação do conhecimento assistemático com o sistemático, argumentação, pesquisa, seleção e organização de ideias e informações pela autonomia intelectual constituem em uma das principais funções da avaliação escolar. Avaliar para potencializar o processo de ensino-aprendizagem em todos os momentos antes, durante e depois do processo de ensino. LUCKESI, Cipriano. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?, *Pateo Revista Pedagógica*, Artemed, Porto Alegre, RS, nº 12, pp. 06-11. Pátio Revista Pedagógica, Porto Alegre/RS, v. 4, n.12, pp. 6-11, 2000.

¹⁰LUCKESI, 1992.

¹¹MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13a. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

¹²Cuja expressão original é *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* traduzível em Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus, tornou-se popularizada na expressão abreviada *Ratio Studiorum*, cuja base consistiu na unificação e sistematização da pedagogia jesuítica quando de sua publicação em 1599, com o caráter missionário catequizante, sob a gestão da Companhia de Jesus, passou a ser instituída como norma nas instituições escolares jesuíticas.

dificuldades, superações e assim como sua atividade como professor junto aos estudantes. E, somente ao final do ano letivo, por uma única vez, os estudantes eram submetidos aos exames gerais, que eram escritos e orais. No momento do exame oral, a Banca de Exames tinha por obrigação cotejar a *Pauta do Professor* no que se referia à vida escolar do estudante que estava sendo examinado. Nesse contexto, de um lado, havia uma prática avaliativa cotidiana, através dos múltiplos exercícios escolares diários, dentro e fora da sala de aula, o que hoje estamos denominando de “uso diagnóstico” dos resultados da investigação avaliativa, e, de outro lado, haviam os exames gerais, que ocorriam ao final do ano letivo, tendo presente a totalidade dos conteúdos ensinados e aprendidos. Então, nesse caso, tomando a proposta pedagógica jesuítica elaborada no decurso do século XVI, iremos compreender que sua proposição não estava centrada exclusivamente nos exames, como pareceu a mim, como já expus em escritos anteriores, e como pode parecer ao leitor em geral, quando se fala em pedagogia tradicional, incluindo nesse âmbito a pedagogia jesuítica. Afinal, observando os detalhes de cada proposição pedagógica histórica, podemos nos surpreender com proposições, que, ao longo do tempo, perderam suas características. Daí, no presente momento, eu preferi, colocar atenção em cada concepção e em suas práticas propostas, mais do que no enquadramento dessas concepções dentro de um quadro teórico pré-estabelecido, como, inclusive, já o fiz. No caso, hoje, entendo que as proposições sobre avaliação devem ser compreendidas no contexto das propostas pedagógicas individuais às quais elas servem e não genericamente, evitando dessa forma uma interpretação genérica.

FSS e PLF: Do conjunto de sua produção no campo da Avaliação da Aprendizagem destacamos dentre outras valiosas publicações, as obras

seguintes obras: *Avaliação da aprendizagem escolar - estudos e proposições*¹³ e *Avaliação da aprendizagem - componente do ato pedagógico*¹⁴ ambas publicadas pela Editora Cortez. Fale-nos um pouco das reverberações destas obras junto aos/as pesquisadores/as e professores/as no *métier* dos estudos em Avaliação Escolar.

Cipriano Luckesi: O primeiro livro que vocês citam - *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições* -, na sua primeira versão, foi publicado em 1995. Em 2012, frente às exigências do Tratado Internacional sobre a Língua Portuguesa, esse livro sofreu os ajustes linguísticos exigidos pelo Tratado, assim como recebeu mais nove capítulos. Esse livro foi lido e estudado por muitos e muitos educadores em nosso país e um pouco fora dele também. A Cortez Editora fez 22 edições, registradas na sequência numérica; depois disso, ele está na sexta reimpressão dessa 22ª edição. Então, muitos leitores já se aproximaram de seus conteúdos. Em sua primeira versão reimpressa sucessivamente até a 22ª edição, o livro continha nove capítulos, com características mais analíticas que propositivas. As reimpressões da 22ª edição contêm mais nove capítulos, com características propositivas. O segundo livro citado na pergunta - *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico* - foi publicado no ano de 2011 e contém fundamentalmente duas abordagens: a proposta de uma compreensão epistemológica da avaliação da aprendizagem, seguida de proposições metodológicas de como praticar a avaliação nos atos de ensinar e aprender no âmbito escolar, de tal forma que ela exerça o papel de parceira do educador em

¹³LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. Cortez Editora, 22a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

¹⁴LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

sala de aula na busca do sucesso de sua atividade. Acredito que essas duas obras repercutiram e repercutem junto aos educadores do país de um modo benéfico, assim o creio, em função da multiplicidade de leitores que já tiveram acesso a elas.

FSS e PLF: Destacamos ainda, segundo o senhor as funções da avaliação têm sido “diagnosticar e classificar, ou seja, a serviço da hierarquização...”, um acerto de contas, uma punição. Durante décadas a avaliação esteve a serviço da classificação excludente no universo escolar e social. A prática avaliativa ainda ocorre em momentos pontuais e ritualizados com o mero objetivo de quantificar acertos e matematizá-los perdendo assim sua real função pedagógico-social, dissociando aprendizagem de avaliação.¹⁵ A concepção de avaliação escolar¹⁶ na atual conjuntura concebe uma prática pedagógica a serviço do êxito escolar, numa perspectiva transformadora. Neste bojo, nos ocorre uma de suas máximas que é a avaliação como um ato amoroso ou de acolhimento, explique-nos, um pouco mais.

¹⁵Desta feita, a prática avaliativa ainda ocorre, entretanto, em momentos pontuais e ritualizados com o mero objetivo de quantificar acerto e matematizá-los, perdendo sua real função pedagógico-social e dissociando aprendizagem de avaliação. Assim, a concepção de avaliação escolar na atual conjuntura concebe uma prática pedagógica a serviço do êxito escolar, numa perspectiva efetivamente transformadora. Em geral, a prática avaliativa ocorre bimestralmente com respectivas recuperações paralelas, essencialmente quantitativas, mas a atual sistemática da avaliação escolar e institucional centra-se no bojo da processualidade construtivista, apontando novos direcionamentos sem o intuito de classificar, comparar, selecionar ou distinguir, do contrário serviria apenas para legitimar o caráter excludente e discriminatório da sociedade atual, negando seu sentido transformador.

¹⁶Pode-se considerar a avaliação como um conjunto de ações intencionais e/ou não, ações processuais, contínuas de caráter legítimo, participativo, coletivo e competente que objetiva a transformação da realidade escolar e institucional no contexto administrativo, pedagógico, político, econômico e social. A ação avaliativa escolar e institucional enquanto prática pedagógico-administrativa deve ser uma prática a serviço do êxito escolar, em uma perspectiva diagnóstica e mediadora no contexto global e particular do corpo discente/docente/gestor/administrativo de uma organização escolar.

Cipriano Luckesi: Em meu último livro - *Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas*¹⁷ acredito ter me aproximado de um modo de compreender epistemologicamente a prática da avaliação, em geral, e a prática da avaliação em educação, de modo específico, conseguindo distinguir, de um lado, o ato de avaliar como investigação da qualidade da realidade, e, de outro, os usos dos resultados dessa investigação. O ato de avaliar, por si, se encerra ao final do processo investigativo da qualidade da realidade. O que se segue é o uso, ou não, dos seus resultados. O uso dos resultados do ato avaliativo é realizado pelo gestor da ação e não pelo avaliador. O avaliador, através da investigação avaliativa, revela a qualidade da realidade; o gestor da ação é o responsável pela tomada decisão com base nos resultados dessa investigação. No caso da sala de aula, o professor engloba os dois papéis, o papel de gestor da sala de aula e aquele de avaliador dos resultados da ação; daí, emergir a confusão conceitual de parecer que o ato de avaliar é um ato autônomo, tanto na investigação como na tomada de decisão. Contudo, ele é exclusivamente um ato investigativo, cujos resultados de sua ação investigativa subsidiam o gestor da ação a tomar decisões do que fazer. Observar que, de fato, epistemologicamente, não existe avaliação diagnóstica, probatória ou classificatória. Existe uma revelação da qualidade da realidade, efetuada pela

¹⁷LUCKESI, Cipriano. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas.** Cortez Editora, São Paulo: Cortez Editora, 2018. Trata-se de um livro comemorativo dos 50 anos de dedicação e estudos a avaliação da aprendizagem. Obra estruturada em *“nove capítulos, sendo os dois primeiros dedicados às questões epistemológicas do ato de avaliar e do uso dos seus resultados; os cinco capítulos subsequentes tratam da avaliação da aprendizagem; o capítulo 8 é dedicado à avaliação institucional e de larga escala na educação brasileira; e o último capítulo, o 9, para além de todas as compreensões, trata do educador e de seu papel no ensinar-aprender”.* (Luckesi, 2018).

investigação avaliativa, e, a seguir, o gestor da ação, com base nos resultados dessa prática investigativa, toma decisões, que podem ser “diagnósticas”, “probatórias” e, ainda “classificatórias”. O ato de avaliar, por si, não é nem diagnóstico, nem probatório, nem classificatório. Será diagnóstico, probatório ou classificatório o uso que o gestor vier a fazer dos resultados da investigação avaliativa.

FSS e PLF: Como o senhor percebe o modo como os educadores têm realizado a avaliação nas escolas brasileiras? E fale-nos um pouco das diferenças e características básicas entre a avaliação e a examinação?¹⁸ A pedagogia do exame como o senhor assevera, traz consequências psicológicas, pedagógicas e sociológicas ao ritualizar sacralisticamente o ato da prova, tornando-o um fetiche, um instrumento de terror.

Cipriano Luckesi: Tomando por base a compreensão exposta na questão anterior, de fato, a denominação exame, como uma denominação para a avaliação, por si, expressa uma distorção conceitual. Historicamente, a denominação exames, no âmbito escolar, tem recebido o significado de uso classificatório dos resultados da investigação avaliativa e a denominação mais próxima da idéia de uso diagnóstico dos resultados do ato avaliativo. Contudo, para fazer um adequado

¹⁸De acordo com o entrevistado, o exame é classificatório e excludente, mas avaliação, no entanto é diagnóstica, incluyente e sinalizadora de um caminho na melhoria da aprendizagem. O modo como temos feito nossas avaliações, assemelham-se muito mais com a aplicação de exames aos moldes das escolas jesuítas do século XVI, do que com avaliações de verificação de aprendizagem significativa na perspectiva da ação-reflexão-ação pedagógica. Vide, LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem escolar: apontamentos sobre a pedagogia do exame, **Revista Tecnologia Educacional**, ABT, Rio de Janeiro, RJ, nº 101, p. 82-86. *Revista Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, n.101, pp. 82-86, 1991. / SOARES, Fagno da Silva. Avaliar ou examinar? Eis a questão do erro. In.: **Revista Mundo Jovem**, Porto Alegre: PUC-RS 2012.

uso epistemológico desses termos e de suas práticas, creio eu, teremos que assumir o ato de avaliar como o ato de investigar a qualidade da realidade, encerrando aí sua ação; e, com base nos resultados dessa investigação, proceder às decisões possíveis que podem ser diagnósticas, probatórias ou classificatórias, como sinalizamos anteriormente.

FSS e PLF: Certa feita, o professor Hamilton Werneck sublinhou no título de um de seus livros a máxima: *“Se a escola boa é a que reprova, hospital bom é o que mata”*.¹⁹ Nalguns trechos de artigos e entrevistas o senhor traz esta analogia de modo bastante esclarecedor na relação entre o ofício do professor e do médico na prática dos exames e avaliações. Comente.

Cipriano Luckesi: Observar que a denominação “exame”, no âmbito médico, significa investigar a qualidade da saúde do cliente, que tem como consequência, a prescrição de condutas curativas. Aqui também se repete os dois componentes sinalizados acima: a investigação da qualidade da realidade e o uso dos resultados dessa investigação. A tomada de decisão tem a ver com o uso dos resultados e não com a investigação propriamente dita. O uso dos resultados é um ato posterior e assentado sobre os resultados obtidos pela investigação. Um médico, em primeiro lugar, escuta as queixas de seu cliente; a seguir, procede investigações clínicas, assim como prescreve investigações laboratoriais e de imagens. Com esses dados em mãos, procede a leitura do estado de saúde do seu cliente de forma diagnóstica e, a seguir, estabelece as prescrições, ou seja,

¹⁹WERNECK, Hamilton. *Se a escola boa é a que reprova, hospital bom é o que mata*. Rio de Janeiro DP&A, 2002.

faz uso dos resultados das investigações sobre a qualidade de saúde de seu cliente.

FSS e PLF: No conjunto de suas obras o senhor nos aponta (1992, 1995 e 1996), as funções da avaliação da aprendizagem como diagnóstica,²⁰ formativa e somativa da educação, que devem ser conjugadas para auferir êxito no processo de ensino e aprendizagem.²¹ Fale nos um pouco sobre estas funções.

Cipriano Luckesi: No contexto desses escritos, eu compreendia a avaliação como a ambiência teórica da época como ato de avaliar, contudo, meu último livro - *Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas* - traz um capítulo abordando essas denominações atribuídas ao ato de avaliar, onde sinalizo que "tomar decisão", "diagnosticar", "classificar", "atuar pela emancipação", "ser dialógico" e "ser libertador"... São características que pertencem ao gestor da ação e não ao avaliador. O avaliador é parceiro do gestor, atuando para revelar-lhe a qualidade da realidade, base para suas possíveis decisões; todavia, não é

²⁰Como se sabe, a avaliação diagnóstica permite desvelar a realidade cognitiva do discente, cujo objetivo é a verificação do conhecimento prévio com vistas a novas etapas de aprendizagem e encaminhamentos da ação educativa, ou seja, um ponto de partida para o planejamento pedagógico, mas que deve estar presente antes e durante o processo de ensino-aprendizagem (Luckesi, 1992). Neste sentido, deve-se ter como ponto de observação para identificar a realidade dos discentes, o conhecimento prévio e identificar as causas e dificuldades recorrentes na aprendizagem para a tomada de decisão na escolha de recursos e estratégias para avançar na aprendizagem.

²¹Partindo do pressuposto que toda aprendizagem implica em mudanças conceituais, procedimentais e atitudinais que nem sempre podem ser mensuradas, tal como sugere a Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Base da Educação [LDB] em que os aspectos qualitativos devem sobrepôr os aspectos quantitativos, foi perguntado aos professores, supervisores e gestores sobre o conhecimento do que diz respeito a LDB, em relação ao processo avaliativo no âmbito escolar. Ademais, a verificação do rendimento escolar deve ser diagnóstico, cumulativo, contínuo, sistemático, orientado e cooperativo, e não para competição, como muitos estabelecimentos de ensino realizam, voltada para uma aprendizagem significativa. Temos, pois, uma prática avaliativa escolar quantitativa que distorce o que prevê a nossa legislação (Brasil, 1996).

ele que toma decisões. Desse modo, acredito que, se conseguirmos compreender que a avaliação está comprometida com a investigação da qualidade da realidade, facilmente perceberemos que as decisões não pertencem à avaliação e ao sujeito que avalia, mas sim ao sujeito que decide, o gestor.

FSS e PLF: Sabe-se que, os estudos em Avaliação da Aprendizagem Escolar é campo extremamente caro e valioso de reflexões e análises pedagógicas. Neste sentido, relate-nos um pouco sobre o processo de institucionalização deste campo que seja na filosofia, sociologia e mesmo na história da Educação Brasileira, destacando os percursos de consolidação deste temário no cenário acadêmico.

Cipriano Luckesi: Claro, em todos esses campos de conhecimentos, faz sentido investir em estudos sobre avaliação da aprendizagem e efetivamente muitos tem sido os estudos sobre esse tema nas mais variadas vertentes teóricas e metodológicas. Todavia, o que mais importa, creio eu, é que os educadores efetivamente aprendam e assumam servir-se da avaliação como recurso parceiro do educador que lhe sinaliza onde há necessidade de mais cuidados e investimentos, à medida que, tenha desejos de resultados positivos decorrentes de sua ação pedagógica, tanto do ponto de vista individual do estudante como do ponto de vista social, na perspectiva do coletivo e da democratização.

FSS e PLF: Compreendemos a escola como um espaço de construção e reconstrução dos saberes e das experiências, numa dimensão transformadora²² e

²²O desenvolver do ato avaliativo em todos os seus aspectos suscita pontos de reflexão e ancoragem, sendo um deles a valorização quantitativa, ou seja, a nota, secundarizando o aprendizado, os avanços, os recuos e os progressos e dificuldades. Vale ressaltar que a avaliação

o erro uma possibilidade de ressignificar o trabalho pedagógico, tornando-se um elemento dinamizador da ação educativa, enquanto 'erro construtivo' para incluir e promover e não excluir e reprovar. Fale um pouco da importância da auto-avaliação²³ para professores e alunos.

Cipriano Luckesi: A auto-avaliação é um recurso permanente na vida de cada pessoa e de todo profissional; do profissional de educação, também. A auto-avaliação expressa uma investigação sobre a qualidade dos resultados da própria ação e do modo de ser de cada um de nós. A prática da auto-avaliação opera de modo semelhante a qualquer outra modalidade de avaliação: descrever a realidade, compará-la a um padrão de qualidade aceitável; e, em decorrência dos resultados dessa investigação, uma tomada de decisão, que acredito deve ser na perspectiva da obtenção de um melhor resultado para si mesmo (por isso, "auto-avaliação"), tendo como consequência resultados positivos para o próprio indivíduo como para a coletividade, na qual está inserido.

FSS e PLF: Por fim, que conselhos o senhor daria aos jovens que escolheram ou irão escolher a docência?²⁴ E quais desafios o educador têm enfrentando para

no âmbito escolar e institucional requer a valorização dos aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais voltados para a vertente qualitativa da aprendizagem (Luckesi, 1995).

²³Nas primeiras décadas do século XXI temos visto o desenvolvimento de uma abordagem qualitativa da avaliação escolar e institucional frente a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo não com incompatíveis, mas complementares na busca de novos caminhos para um processo avaliativo quanto a importância de avaliação enquanto promoção da aprendizagem que valoriza a diversidade de formas de aprendizagem no processo (Soares, 2012). Assim, além do referencial teórico-metodológico para orientar e compreender o ato avaliativo é necessário fazer uso das bases normativas referendadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º. 9.394/1996, indicando avanços, dificuldades e possibilitando o pleno desenvolvimento de competências e habilidades no âmbito escolar.

²⁴Assim como o entrevistado, advogamos romper com a cultura da reprovação, valorizando o

mudar a forma de avaliar? Diante destas interpelações, voltemos ao ponto que começamos. A avaliação ainda é o grande desafio da educação? Somado a isto, quais são, a seu ver, os (di)lemas e desafios enfrentados pelos/as professores/as no século XXI?

Cipriano Luckesi: O desafio principal é aprender a avaliar, isto é, investigar a qualidade da realidade, e, a seguir, fazer uso adequado dos seus resultados. Todos nós, ao longo de nossas vidas, fomos avaliados por outros - nossos pais, nossos professores, nossos pares... - e, como consequência, fomos julgados como, de um lado, tendo condutas adequadas, como também, de outro lado, tendo condutas inadequadas ou aprendizagens insatisfatórias. Então, de modo biográfico e automático, usualmente, agimos de modo semelhante - repetimos aquilo que aconteceu com cada um de nós - tanto em nosso meio social cotidiano, como em nossas atividades profissionais, no nosso caso, na prática educativa. Nesse contexto, uma observação importante é iniciar uma significativa aprendizagem sobre o ato de avaliar por uma autoanálise e um autocuidado, tendo em vista abrir mão de condutas que praticamos, sem nem mesmo

diálogo e a relação escola/aluno/professor/comunidade. Assim, a prática avaliativa escolar e institucional é uma constante, no entanto, as ações no processo decisório segundo os pesquisados ainda não foram implementadas totalmente, fazendo-se necessário, uma prática avaliativa fundamentada na transformação desarraigada dos moldes tradicionalistas, que visava mensuração estatística da avaliação. Diante do exposto, fica evidente a real função da avaliação escolar, promover o desenvolvimento da capacidade de análise, síntese, senso de investigação, criticidade, articulação do conhecimento, argumentação, pesquisa, seleção e organização de ideias e informações pela autonomia intelectual. Desta forma, avaliar pressupõe a superação coletiva, processual, qualitativa e incluyente com vistas a transformação. Dito isto, voltamos ao ponto que começamos: Para que serve a avaliação escolar e institucional? Para potencializar a práxis pedagógica e institucional para transformar o processo de ensino-aprendizagem contínuo, cumulativo e global, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos; tenha função diagnóstica, indicando progressos, dificuldades e possibilidades de docentes, discentes, gestores e do corpo administrativo para replanejar nas intervenções educativas; fundamentada nos preceitos conceituais, atitudinais e procedimentais visando à reconstrução das práticas avaliativas.

tomarmos consciência de que as praticamos. No que se refere à escola e ao ensino e aprendizagem, usualmente, repetimos, de modo inconsciente e automático, aquilo que aconteceu com cada um de nós. Nesse caso, nosso estudo teórico tem pouca força para mudar nossas condutas. Importa que cada um de nós, cada educador, tome a decisão de compreender o adequado conceito epistemológico e metodológico do ato de avaliar e, emocionalmente, redirecionar nossa conduta, seja em relação a nós mesmos (auto-avaliação), seja em relação ao outro (heteroavaliação). Os estudos históricos e sociológicos são básicos para que compreendamos o significado histórico e social das condutas avaliativas em educação. Eles ilustram nossos entendimentos. Contudo, o essencial para a prática pedagógica cotidiana é dar atenção ao modo pessoal de agir usando os recursos da avaliação. A investigação avaliativa é parceira do educador, subsidiando suas decisões a favor da efetiva aprendizagem dos estudantes sob sua responsabilidade. Trabalhar a favor da democratização social, através do ato educativo escolar, é atuar a favor da aprendizagem satisfatória por parte de todos os nossos estudantes, não de alguns. A aprendizagem satisfatória no trajeto escolar de cada estudante é um fator fundamental para sua inserção na vida social e, conseqüentemente, para sua partilha na vida social a favor de todos. O ato de avaliar é parceiro para a busca dessa meta. Por uma avaliação da aprendizagem como ato amoroso, includente e transformador.

FSS e PLF: Professor Cipriano Luckesi, agradecemos por nos receber em sua oficina pedagógica. Obrigado!

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

LUCKESI, C. Avaliação da aprendizagem escolar: apontamentos sobre a pedagogia do exame, **Revista Tecnologia Educacional**, ABT, Rio de Janeiro, RJ, nº 101, pp. 82-86. *Revista Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, n.101, pp. 82-86, 1991.

LUCKESI, C. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas**. Cortez Editora, São Paulo: Cortez Editora, 2018.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. Cortez Editora, 22a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

LUCKESI, C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: sendas percorridas**. 1992. 560p. Tese [Doutorado em Filosofia da Educação]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 1a. ed. Salvador Bahia: Edição do Autor, 2003.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LUCKESI, C. **Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo**. Cortez Editora, São Paulo: Cortez Editora, 1996.

LUCKESI, C. **Equívocos teóricos na prática educativa**. Rio de Janeiro: ABT - Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, 1983.

LUCKESI, C. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. Cortez Editora, 17a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

LUCKESI, C. **Filosofia da Educação**. Cortez Editora, 3a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LUCKESI, C. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?, **Pateo Revista Pedagógica**, Artemed, Porto Alegre, RS, nº 12, pp. 06-11. **Pátio Revista Pedagógica**, Porto Alegre/RS, v. 4, n.12, pp. 6-11, 2000.

LUCKESI, C.; PASSOS, E. S. **Introdução à Filosofia: aprendendo a pensar**. 1a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

LUCKESI, C. **Série Estudos e Pesquisas: prática docente e avaliação**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, 1990.

LUCKESI, C. **Sobre notas escolares: distorções e possibilidades**. Cortez Editora, 1a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

MANACORDA, Mario A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13a. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. Tradução de Maria da Graça Macedo. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SOARES, F. da S.. **Avaliar ou examinar? Eis a questão do erro**. In.: *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre: PUC-RS 2012.

WERNECK, H. **Se a escola boa é a que reprova, hospital bom é o que mata**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.